

Cadernos Teologia Pública

Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49)

Possibilidades e limites de um diálogo
entre cristãos e muçulmanos

Karl-Josef Kuschel

ano VI - número 49 - 2009

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS




UNISINOS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49)

Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos

Karl-Josef Kuschel

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano VI – Nº 49 – 2009

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

Vanessa Alves

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49)

Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos

Karl-Josef Kuschel

A relação entre cristãos e muçulmanos é quase diariamente prejudicada por fatos políticos pelo mundo afora. Por isso, é importante refletir sobre os fundamentos que desde sempre determinam a relação da Cristandade e do Islã, ou seja: a Bíblia hebraica, o Novo Testamento e o Alcorão.

Não foi por nada que, em sua viagem à Turquia, em 2006, o Papa Bento XVI lembrou as muitas afinidades e elementos comuns entre cristãos e muçulmanos. “Cristãos e muçulmanos pertencem à família daqueles que crêem num só Deus e que, de acordo com suas próprias tradições, derivam sua descendência de Abraão. Esta unidade humana e espiritual em nossas origens e nossa determinação exige que nós busquemos um caminho comum”. Em outubro de

2007, apareceu um documento singular na história muçulmano-cristã, subscrito por 138 autoridades de todo o mundo islâmico. Programaticamente é aí realçado o duplo mandamento do amor (a Deus e ao próximo) como “base comum para todo futuro diálogo inter-religioso”.

Quando se estudam as eventuais Escrituras Sagradas, são feitas surpreendentes descobertas. É pouquíssimo conhecido entre cristãos que, no Alcorão, são assumidas tradições bíblicas em espantosa amplitude e profundidade: Tradições referentes a Abraão, Noé, Moisés, até Jesus e Maria. Sim, precisamente o “Relato de Natal”, as histórias do nascimento de Jesus se espelham no Alcorão de maneira amplamente explícita – e isso em duas Suras: na Sura 19, revelada em Meca, e na Sura 3, revelada poste-

riormente em Medina. Uma comparação com os dois relatos do nascimento em Mateus e Lucas é palpante. Precisamente, nestes dois relatos, podem ser trabalhados com toda clareza aspectos comuns e diferenças na fé dos cristãos e muçulmanos.

1. Os textos de Natal no Novo Testamento

Muitos aspectos da Tradição ainda estão em curso e ainda não foram fixados em tradições nem cimentados em relatos, quando, no Novo Testamento, trata-se do nascimento do Nazareno. Os evangelistas Marcos e João não conhecem relatos do nascimento, como também não os conhece o apóstolo Paulo. Em toda a literatura epistolar neotestamentária, não há palavra a este respeito. Somente os evangelhos de Mateus e de Lucas conhecem tradições do nascimento, mas as apresentam de uma forma que ainda permite reconhecer o caráter de mobilidade das tradições. O simples fato de que há duas histórias diferenciadas do nascimento sublinha isso.

Em função de objetivos práticos, com muita frequência, a instrução religiosa harmonizou e sintetizou no passado essas histórias bastante diversificadas, reunindo os diversos relatos numa sequência harmônica, na qual

um texto complementava o outro da melhor maneira possível. O que faltava em Mateus era complementado em Lucas e, onde Lucas não transmitia algo, entrava Mateus. Resultava assim um todo aparentemente seguro e firme: *De Lucas* se hauriu a pré-história do nascimento de Jesus: ocorrências em torno de João Batista e de seus pais Isabel e Zacarias (como a punição de Zacarias com a mudez por causa de sua descrença). Depois, a aparição do arcanjo Gabriel diante de Maria, em Nazaré, com o anúncio do nascimento. Conjuntamente, a visita de Maria à casa de Isabel. Depois, o nascimento de João e a suspensão da punição de Zacarias. E chega então o recenseamento sob Augusto e a conseqüente viagem de Maria e José de Nazaré a Belém. O nascimento de Jesus, a aparição dos anjos aos pastores e a homenagem dos pastores. *De Mateus* é agora inserida a homenagem dos Magos, a fuga ao Egito e a mortandade das crianças em Belém, e depois a morte de Herodes, bem como o retorno do Egito e a moradia em Nazaré. *Lucas*, por sua vez, narra a circuncisão legalmente prescrita da criança oito dias após seu nascimento, e depois ainda uma “purificação” de Maria no Templo de Jerusalém, quatro semanas mais tarde, com a aparição de um velho senhor de nome Simão e de uma profetiza de nome Ana, antes de a família retornar a Nazaré.

Esta “harmonização dos Evangelhos” omite evidentemente as diferenças entre ambas as tradições neotestamentárias e também as contradições entre elas, e, acima de tudo, também o respectivo perfil teológico. Porque, após uma leitura mais atenta, é quase impossível não perceber que ambos os relatos se diferenciam consideravelmente um do outro em muitos detalhes. Há diferenças na *Geografia* e na *Cronologia* (das quais não farei menção particularizada). Mas também há diferenças na *composição estrutural*, com consequências para o respectivo perfil teológico.

1) Mateus situa uma *árvore genealógica de Jesus* bem no início de seu relato do nascimento (1,1-17), Lucas, porém, o situa no final, pouco antes da vida pública de Jesus, quando ele já tem trinta anos de idade (3,23-28). Mais ainda: Mateus, como judeu-cristão, por razões messiánológicas, tem interesse em conectar a árvore genealógica de Jesus com os principais portadores da promessa divina, como Abraão e Davi, relacionando-a assim com a descendência davídica. A árvore genealógica de Lucas, pagano-cristão, no entanto, é reconhecidamente mais universalista. Ele não menciona Abraão, porém reconduz a origem de Jesus a Adão e, em última análise, a Deus (Lc 3,23). Se Jesus é qualificado em Mateus como filho de Davi e de

Abraão, em Lucas, é apresentado como descendente de Adão, que, como Adão (sem pai terrestre) deve, por iniciativa divina, fundar um novo gênero humano.

- 2) Os *relatos do Batista* em torno de João, filho de Zacarias e de Isabel, são grandiosamente construídos por Lucas. Ele situa o anúncio do nascimento de João antes do de Jesus, relaciona ambas as histórias pelas figuras de Maria e Isabel e, através de um hino teológico e linguístico, composto de forma precisa (1,67-79), confere ao pai de João, Zacarias, um forte perfil antes de retornar novamente ao Batista e relatar sua aparição pública (3,1-22) após o batismo de Jesus. *Mateus*, por sua vez, não conhece relatos de nascimento em torno de João. Para ele, o Batista só é interessante antes da aparição pública de Jesus, numa cena bastante curta (3,1-27) que faz o Batista, mais do que ocorre em Lucas, ser figura contrastante com Jesus (sem que Mateus, como Lucas, esteja ulteriormente interessado no destino trágico do Batista: Lc 3,19s.), apresentando-o, portanto, como um simples predecessor que adicionalmente é superado por aquele que irá “batizar com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3,11; Lc 3,16).
- 3) Também há significativas diferenças no que se refere ao próprio *relato do nascimento*. *Mateus*, após a apresentação de sua árvore genealógica, sem ulterior

transposição nem passos intermediários, vai imediatamente ao assunto. Mas seu relato pré-natal dificilmente pode ser superado em sua lapidar brevidade:

A origem de Jesus Cristo, porém, foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José. Mas, antes de morarem juntos, ficou claro que ela esperava um filho – por obra do Espírito Santo. Sendo homem justo e não querendo denunciá-la, José, seu marido, resolveu abandoná-la silenciosamente. Mas, enquanto ainda pensava sobre isso em seu íntimo, um anjo do Senhor lhe apareceu num sonho e disse: “José, filho de Davi, não tenhas receio de receber Maria, tua esposa. Pois o filho que ela espera é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e deverás dar-lhe o nome Jesus; porque ele salvará o povo de seus pecados”. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta: “*Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e lhe será dado o nome Emanuel*, que traduzido significa: *Deus conosco*”. Quando acordou, José fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e aceitou sua mulher. E ele não a conheceu até que ela deu à luz seu filho. E ele lhe deu o nome Jesus. (1,18-25).

Lucas, por sua vez, constrói a cena narrativamente e dá aos seus leitores mais informações. Nele, o anjo não fica anônimo, porém traz um nome: Gabriel. E o anjo não aparece a José (como transitoriamente em *Mateus*),

porém a Maria. O lugar do encontro Anjo – Maria não permanece desconhecido, porém, é mencionado concretamente: uma cidade da Galileia de nome Nazaré. A sua distinção é relatada, a ela é mencionada a grandeza de seu futuro filho, a sua reação é visualizada (“Como acontecerá isso, já que não conheço nenhum varão?”).

Naquilo que é do maior interesse para *Mateus*, não há nenhuma palavra em *Lucas*. *Mateus* faz que seu anjo, em face de José, chegue imediatamente à problemática social, na consciência de que uma mulher, que ainda não está casada e espera um filho, está sujeita a um escândalo social. José deve – de certa forma por intervenção divina – ser tranquilizado: “Não temas tomar Maria como tua esposa; porque o filho que ela espera é do Espírito Santo”. *Lucas* sabe, portanto, que o emprego do motivo da concepção pelo Espírito e da concepção virginal é socialmente precário, e, por isso, precisa afastar teocentricamente o obstáculo. Esta intervenção divina em função de uma profilaxia de crise sociopsicológica *Mateus* evidentemente não a considera necessária. Ele nada sabe de tudo isso. O sentimento de aguardar algo impossível se mantém nele plenamente na cena íntima entre o anjo e Maria. Enquanto *Mateus* narra, portanto, inteiramente a partir da perspectiva do varão e do âmbito público, *Lucas* narra inteiramente a partir da perspectiva da

mulher e do âmbito privado. As perspectivas dificilmente poderiam ser mais diversificadas. Algo semelhante ocorre com o próprio *relato do nascimento*.

Não obstante – apesar de todas as informações diversificadas e em parte contraditórias em questões particulares, ambos os relatos neotestamentários do nascimento coincidem na *mensagem teológica básica*. Aqui são importantes três dimensões:

1) Ambos os relatos do nascimento realçam programaticamente que, com o nascimento de Jesus, *Deus* assumiu *uma nova iniciativa*. O próprio Deus estabelece novos sinais, envia mensageiros e volta a agir de maneira nova – salvando, redimindo. De certo modo, o céu se tornou mais permeável do que antes, ou pelo menos tão permeável *como*, na época de Abraão, na qual igualmente entravam e saíam anjos, e uma velha mulher se tornou novamente fértil. Isabel é reconhecidamente concebida como configuração de Sara, e, Zacarias, como configuração de Abraão (Gn 18,11; 15,8). Vigem um tempo primordial neste tempo tardio. Por isso, podem novamente entrar e sair anjos como mensageiros de Deus. Eles são figuras da interpretação e da condução do acontecimento. Por isso, sinais cósmicos no céu podem indicar aos seres humanos o caminho ao novo acontecimento. E, por isso, o desen-

volvimento natural pode, no caso de um nascimento, ser interrompido teocentricamente. Ambos os evangelistas dão valor a isto: *O Espírito de Deus* gera esta criança, e não um homem. Aqui está, em ação, a força de Deus, e não a potência masculina. Dificilmente se poderia realçar de forma simbólica mais potente o *caráter de ceSura* deste acontecimento. Não é a história humana e a *physis* humana que contam neste momento, mas o Espírito de Deus, a Força de Deus, o Sinal de Deus – correspondentemente à frase do anjo a Maria, no Evangelho de Lucas:

O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso o filho também será chamado santo e Filho do Altíssimo. Também Isabel, tua parente, ainda concebeu um filho em sua velhice; embora ela fosse considerada estéril, e ela agora já está no nono mês. Porque para Deus nada é impossível (1,35-37).

Esta é, de fato, a *nuance teocêntrica* de ambos os relatos do nascimento: “Porque para Deus nada é impossível” (Lc 1,37).

2) Ambos os relatos neotestamentários destacam que a iniciativa de Deus que se tornou perceptível com o nascimento de Jesus vale acima de tudo para seu povo: *Israel*. Com o recém-nascido, o Messias de Israel

finalmente apareceu e, sobre esta convicção, ambos os textos não deixam nenhuma dúvida. E, por uma rede finamente entretecida de sinais textuais interpretativos, eles fazem tudo para tornar isso irrecusável. Por isso, as palavras dos profetas desempenham uma função elevada em ambos os textos: seja Isaías no olhar sobre a jovem Mulher que conceberá um filho; seja o profeta Miqueias no olhar sobre Belém, o profeta Oseias no olhar sobre o Egito, seja o profeta Jeremias no olhar sobre a mortandade das crianças. Precisamente, *Mateus* está altamente interessado em inserir a aparição de Jesus na história do povo de Israel e de suas expectativas messiânicas. Por isso, coloca a árvore genealógica no início de seu Evangelho: Jesus Cristo é programaticamente realçado como “Filho de Davi, e Filho de Abraão”. Por isso, na cena com José, o anjo pode dizer:

“Ela conceberá um filho e debes dar-lhe o nome Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados” (1,21).

- 3) Ambos os relatos neotestamentários do nascimento realçam: para além de Israel, a iniciativa de Deus também vale para todos os povos do mundo. Sobre isso, os Evangelhos também não deixam nenhuma dúvida. Pois ambos sabem que a conversão de *todo* Israel no

final fracassou. Por isso, desde o início, é tão importante para *Mateus* a homenagem dos astrólogos. Não-judeus “do Oriente”, representantes dos povos pagãos, homenageiam Jesus, enquanto “toda Jerusalém” primeiro se assusta, para depois ou recusar a messianidade de Jesus ou afastar o recém-nascido com planos assassinos. De maneira semelhante *Lucas*. Com o olhar voltado para seus destinatários (pagano-cristãos), ele acentua mais fortemente que *Mateus* o significado da iniciativa de Deus não só para Israel, mas também para os povos de todo o mundo. Por hinos artisticamente compostos que são colocados ou nos lábios de Maria, ou de Zacarias, e no final do velho Simeão, é preparada passo a passo a dupla perspectiva:

Agora, Senhor, segundo a tua palavra, já podes deixar ir em paz o teu servo, porque meus olhos já viram a salvação que preparaste diante de todos os povos, uma luz que ilumina as nações e traz glória ao teu povo, Israel (2,29-32).

Disso resulta que, ao lado da perspectiva teocêntrica (“Porque para Deus nada é impossível”, Lc 1,37) entra, em ambos os evangelistas, a perspectiva “cristocêntrica”. É *Jesus* que é o sinal de Deus gerado pelo Espírito, “o Messias”, o “Senhor” (Lc 1,11), o “Filho de

Deus”, o “Filho do Altíssimo” (Lc 1,32; 1,35), com o qual inicia uma nova era. O “impossível” que Deus está em condições de inovar acontece, portanto, segundo os relatos neotestamentários, em Jesus, por Jesus e com Jesus. Sua pessoa, sua mensagem e seu destino estão, agora e futuramente, no centro das atenções, quando eles pretendem relatar sobre a ação de Deus junto ao seu povo e junto a todos os povos.

E, não obstante, a reflexão sobre o mistério do Nazareno nos relatos do nascimento ainda está em curso, como a própria tradição. Se apenas visualizarmos os “títulos” cristológicos, reconheceremos que, segundo a perspectiva judaica e, respectivamente, pagano-cristã, os acentos podem ser estabelecidos de diferentes maneiras. Não existe uma “cristologia” fechada ou sistematizada. Mateus pode chamar Jesus “Filho do Espírito Santo”, “Rei dos judeus”, “Messias”. Em Lucas, encontra-se, lado a lado: “Filho do Altíssimo”, “Filho de Davi”, “Filho de Deus”, “Senhor” ou “Messias”. No relato do nascimento feito por Lucas, os personagens judaicos, precisamente, possuem uma titulação de destaque. O representante da classe sacerdotal de Jerusalém, Zacarias, vê na criança um “Profeta do Altíssimo” que incorpora “o misericordioso amor de nosso Deus”, porque ele irá “preceder o Senhor e preparar-lhe o caminho”, bem como

“presentear seu povo com a experiência da salvação pelo perdão dos pecados” (1,76s.). E um homem como Simão vê no recém-nascido não só “o Messias do Senhor” (2,26), mas também um “sinal” (2,34). Um sinal de Deus em Israel, ao qual se contradirá! Queremos manter em mente estes sinais quando agora contemplarmos os relatos do nascimento no Alcorão: Profeta do Altíssimo, que incorpora o “amor misericordioso de Deus”, e “sinal” de Deus ao qual se contradirá!

2. Os relatos do nascimento no Alcorão

Como no Novo Testamento, no Alcorão também há dois textos para o nascimento de Jesus, a saber na Sura 3 e na Sura 19. A Sura 19, segundo a cronologia relativa de Nöldeke/Schwally, é o texto que surgiu mais cedo: revelado no segundo período de Meca (615-620). A Sura 3 é adicionada mais tarde em Medina. Nossa atenção se dirige, então, inicialmente ao primeiro texto.

2.1 O perfil narrativo e teológico da Sura 19

Ao visualizarmos a Sura 19, devemos simultaneamente ter presente que – falando cronologicamente – lhe

precedem 57 Suras da mensagem de Meca. Desta forma, temas fundamentais da mensagem profética estão nela introduzidos e amplamente desenvolvidos há muito tempo: p.ex., o ataque do Profeta ao desrespeito social e à orientação politeísta da sociedade enquanto majoritária mecanicamente orientada. Disso também faz parte a tribo dos Quraisch, à qual pertence Maomé. Como guardião da Caaba, precisamente esta tribo pertencia à classe influente e economicamente muito bem situada em Meca. No entanto, Maomé insiste repetidamente na recordação do poder do uno e único Deus, do Criador do Mundo e de cada ser humano em particular. Assim como Deus criou o mundo e o ser humano, ele também pode destruir o mundo e o ser humano e redespertá-los para uma nova vida. Existe uma ressurreição dos mortos, existe um juízo das boas e más ações do ser humano que estão exatamente inscritas num livro da vida junto a Deus. E para os crentes e socialmente sensíveis existe o Paraíso após o julgamento, enquanto para os descrentes, desrespeitosos, enamorados pela vida presente, o inferno. Que Maomé fosse atingido por desconfiança, irrisão, rejeição e até mesmo inimizado com tal mensagem, que questionava - de modo teológico-originário e judicativo - não só posições econômico-sociais, mas toda a existência do ser humano, pode ser deduzido sem ulteriores esclarecimentos.

Neste contexto, também deve ser entendida a Sura 19. Que está inscrita na concreta situação combativa do profeta em Meca e permite entender quão intensamente a pequena comunidade muçulmana original (que abrangia umas 70-80 pessoas) vivia em conflito com uma sociedade majoritária, que mecanicamente gera rejeição, ridicularização, marginalização e inimizades. Assim, a Sura 19 conclui igualmente com sua mensagem alertadora, característica para o anúncio de Meca, na forma de um discurso de admoestação e ameaça:

93 Todos os habitantes dos céus e da Terra são servos do Misericordioso e só chegam a ele como servos.

94 Ele os contou e enumerou exatamente.

95 E no dia da Ressurreição, cada um se apresentará a Ele sozinho.

96 Aos que crêem e praticam boas ações, o Clemente colocará o amor nos seus corações.

97 Nós tornamos este Alcorão fácil em teu idioma, para que anuncies a Boa nova aos fiéis e piedosos e admoestes um povo recalcitrante.

98 Quantas gerações já aniquilamos antes deles! Ainda vês delas um só remanescente ou lhes ouves o mínimo murmúrio? (Sura 19,93-98).

A fim de concretizar *um* instrumento para este discurso de recordação, admoestação e juízo, existe a conscientização que atualiza mensagens outrora bem sucedidas, de profetas anteriormente já enviados por Deus. Todas elas anunciaram praticamente a mesma mensagem: Crê no Deus uno e único, Criador e Juiz do mundo e do ser humano. E a admoestação para uma conduta social correspondente a Deus, para um *ethos*, concretizada numa prece regular, num jejum regular e num respeito vinculante pelos pobres e fracos. A partir disso, não é por nada que a Sura 19 aponta para toda uma série de grandes figuras proféticas do passado, que também são aduzidas após o relato do nascimento de Jesus, como Abraão, Moisés, Ismael, Adão e Noé. Porém, programaticamente, a Sura 19, que até traz no título o nome “Maria”, inicia com o *nascimento de Jesus*, que (paralelamente ao evangelista Lucas) precede a história do nascimento de João:

- 1 Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.
- 2 Eis uma manifestação da misericórdia de teu Senhor para com Seu servo Zacarias:
- 3 quando Zacarias apelou em segredo para seu Senhor,
- 4 dizendo: “Senhor meu, os meus ossos estão enfraquecidos e minha cabeça brilha com ca-

belos brancos. Contudo, nunca fui rejeitado quando a Ti dirigia meus apelos.

- 5 Receio o que farão os parentes quando eu não existir mais. E minha mulher é estéril. Agradacia-me, pois, com alguém ligado a mim,
- 6 que seja meu herdeiro e o herdeiro da família de Jacó, e faz com que
- 7 ele seja uma pessoa agradável, ó Senhor meu”.
- 8 “Ó Zacarias, disse Deus, nós te anunciamos um filho cujo nome será João. Ainda não fizemos um homônimo seu”.
- 9 “Senhor meu, ponderou Zacarias, como poderei ter um filho quando a
- 10 minha mulher é estéril e eu já estou velho e caduco?”
- 11 Disse Deus: “Assim será. É coisa fácil para mim. Não te criei antes, quando nada eras?”.
- 12 Pediu Zacarias: “Senhor, concede-me um sinal”. E Deus: “Teu sinal é que ficarás mudo embora sem defeito, durante três dias e três noites”.
- 13 Então ele saiu do santuário e, dirigindo-se ao povo, fez-lhe compreender com gestos: “Glorificai Deus pela manhã e à noite”:

- 14 E dissemos a João: “Ó João, toma o Livro com firmeza!” E Nós lhe outorgamos a sabedoria, quando ainda menino,
 15 em ternura e pureza. E ele Nos temia,
 16 e era bom para com seus pais, e não foi arrogante ou tirânico.
 17 A paz esteja sobre ele no dia em que nasceu e no dia em que morrer e no dia em que for resuscitado! (Sura 19, 1-15).

Como o Evangelho de Lucas, o Alcorão situa o relato sobre João antes do relato sobre o nascimento de Jesus, e, assim como o evangelista, também o Alcorão está interessado na surpreendente intervenção de Deus já ocorrida no caso de João. Porém, uma exata comparação da Sura 19,1-15 com Lucas 1,5-25 resulta num perfil teologicamente muito diversificado.

1) Lucas localizara visualmente a história de João e a historicizara de maneira precisa: o pai Zacarias é sacerdote no templo de Jerusalém e pertence à classe sacerdotal de Abias; a mãe de João se chama Isabel e descende da linhagem de Aarão; o anjo que aparece chama-se Gabriel; a aparição diante de Zacarias ocorre concretamente num lugar determinado, ou seja, em Jerusalém, e precisamente no templo. Por sua vez, o Alcorão deslocaliza e deshistoriciza. Como protagonis-

tas, ele só precisa de Zacarias e de João. Isabel já não aparece nominalmente, mas apenas referencialmente na manifestação de seu marido (“minha mulher é estéril”). E, em vez do anjo Gabriel, o próprio Deus fala a Zacarias, e o lugar deste encontro não é mencionado. Toda a cena dá a impressão de ser finamente estilizada, como que retomada, como que reduzida e descontextualizada. Chamo a isso narrativa encenada de uma retirada do mundo.

2) Esta narrativa encenada de uma retirada é realçada pelo fato de que Zacarias não é interessante para o Alcorão como pessoa concreta do judaísmo, porém como tipo, e precisamente como *tipo de um suplicante que confia em Deus* e cujo desejo expresso na prece é ouvido por Deus: concretamente, no nascimento de um filho apesar da alta idade do homem, apesar da esterilidade da mulher. O que aqui chama a atenção é o seguinte: enquanto, em Lucas, Zacarias já expressara há tempo este seu desejo (de modo que, pela elevada idade, mal podia acreditar em seu cumprimento), no Alcorão, o pedido de Zacarias é manifestado pela primeira vez – bem consciente de que Zacarias, quando orava a Deus, jamais estivera “sem consolo”. Em Lucas, Zacarias também continua psicologicamente conseqüente em seu ceticismo, mesmo após a aparição do

anjo – e é *punido* por este ato de descrença com a mu-
 dez que durará nove meses inteiros até o nascimento
 de João. No Alcorão, resultaram disso três dias de mu-
 dez, um “sinal” que o próprio Zacarias solicitou. E não
 é expressão do castigo de Deus, porém da confiança
 no poder de Deus. Como o Deus criador pode conce-
 der nova vida a um velho casal estéril, assim o mesmo
 Deus também pode dar outro sinal: deixar um homem
 mudo por um curto período.

3) Enquanto o evangelista Lucas (em consonância com
 Mateus) funcionaliza João como figura contrastante
 com Jesus, como predecessor que adicionalmente
 será suplantado tanto mais eficazmente por Jesus, as-
 sim o Alcorão utiliza João abertamente como figura
 paralela, na qual Deus já realizou o que Ele depois re-
 pete no caso de Jesus. O que aqui chama a atenção é
 o seguinte: enquanto Lucas faz anunciar João por um
 anjo de Deus, mas não faz ocorrer a concepção pelo
 Espírito Santo, deixando-a, porém, ocorrer aberta-
 mente e de maneira miraculosa através de Zacarias
 novamente tornado fértil (1,23), o Alcorão não deixa
 nenhuma dúvida que João, como adicionalmente Je-
 sus, é criatura de Deus. Também são chamativas as
 afirmações paralelas sobre João e Jesus, como vere-
 mos: integridade moral em ambos, piedade com os

pais, respectivamente com a mãe, não violentos, na
 posse da Escritura. De maneira bem evidente é pensa-
 da a Tora que, após o Alcorão, contém a “decisão de
 Deus” (5,43). João, com toda evidência, deve cumprir
 os objetivos do Livro. E já que lhe é atestado o “uso da
 razão” (já como criança), só se pode tratar do conheci-
 mento de temas religiosos: sinal da função profética! E
 sobre Jesus também será logo acrescentado que Deus
 lhe “concedeu a Escritura” e “tornou-o um profeta”!

Em suma: enquanto o Novo Testamento utiliza
 João como figura contrastante com Jesus (para posterior
 superação), a história de João é, no Alcorão, uma *histó-
 ria exemplar ulterior* para o poder do Deus Criador, o
 qual, quando quer, pode despertar nova vida em estéreis
 e falecidos.

Em conexão imediata com a história de João, é
 narrado na Sura 19 o nascimento de Jesus – e isso com as
 seguintes palavras:

16 E menciona no Livro Maria, quando se isolou
 de sua família num **lugar no Oriente**.

17 E ela separou-se deles por um **véu**.

E Nós lhe enviamos nosso Espírito sob a forma
 de um ser humano imponente.

18 E ela disse: “Refugio-me diante de ti junto ao Mi-
 sericordioso! Se temes a Deus, afasta-te de mim”.

- 19 Disse ele: “Eu sou o Mensageiro de teu Senhor. Vim fazer-te dom de um filho santificado”.
- 20 Disse ela; “Como poderei ter um filho quando homem algum me tocou e nunca deixei de ser casta?”
- 21 E ele respondeu: “Assim será. ‘Isso me é fácil’, disse teu Senhor. E faremos dele um sinal para os seres humanos e uma misericórdia.”
- 22 E ela o concebeu e se retirou com ele para um **lugar afastado**.
- 23 E as dores do parto a surpreenderam ao pé de uma tamareira. E ela disse: “Tivesse eu morrido antes e ter sido pessoa esquecida!”
- 24 Mas uma voz chamou-a de baixo dela: “Não te aflijas! Teu Senhor colocou um regato a teus pés.
- 25 Sacode o tronco da tamareira e cairão sobre ti tâmaras maduras e frescas.
- 26 Come e bebe e te consola! E, se vires uma pessoa, dize-lhe: “Dediquei um jejum ao Misericordioso e hoje não falarei com ninguém”.
- 27 Depois ela apresentou o bebê **ao seu povo**. Eles disseram: “Maria, cometeste um ato condenável.
- 28 Ó Irmã de Aarão, teu pai não era um homem mau, nem tua mãe uma libertina”.
- 29 Apontou então para a criança. Retrucaram: “Como falaremos com um bebê no berço?”
- 30 Mas a criança falou: “Eu sou na verdade um servo de Deus. Ele deu-me o Livro e designou-me ser Profeta.
- 31 E tornou-me abençoado, onde quer que eu me encontre. E recomendou-me a prece e o tributo dos pobres enquanto viver.
- 32 E a bondade com minha mãe. E não fez de mim um arrogante malfeitor.
- 33 E a paz esteja sobre mim no dia em que nasci e no dia em que morrer e no dia em que eu for ressuscitado”.
- 34 Este é Jesus, o filho de Maria: uma verdade da qual ainda duvidam.
- 35 Por que Deus teria tomado a Si um filho? Exaltado seja! Quando decreta algo, basta-lhe dizer: “Sê!” para que seja.
- 36 Deus é meu Senhor e vosso Senhor. Adorai-O. Este é o caminho da retidão. (Sura 19,16-34).
- Trata-se aqui realmente do primeiro texto corânico chave sobre Jesus e Maria. Ele está claramente estruturado por três sinais especiais:

- ▶ O encontro de Maria com o Espírito e a criação espiritual ocorrem num “lugar no Oriente” (Sura 19,16-21).
- ▶ O nascimento de Jesus acontece num “lugar distante”, novamente distinto do anterior (Sura 19,22-26).
- ▶ O retorno de Maria ao seu povo ocorre num terceiro lugar (Sura 19,27-29).

Quem, como cristão, depara-se com este texto, deduzirá, em primeiro lugar, *alguns paralelos* com os relatos do *Novo Testamento* e aqui também com o relato de Lucas sobre o Natal. Este evangelista já conhece uma mensagem de Deus a Maria (em Lucas: pelo arcanjo Gabriel; no Alcorão: pelo Espírito de Deus). Ele já relata sobre dúvidas da jovem; ele já conhece, no anúncio do nascimento, um prenúncio sobre a criança (em Lucas: “Filho do Altíssimo”: 1,32-35; no Alcorão: “Sinal para os seres humanos”: 19,21). Porém, de maneira diversa do evangelista, a Sura 19 acentua marcadamente o caráter *visiónário* do encontro com o Espírito: o Espírito de Deus se apresenta a Maria “como” um ser humano imponente (Sura 19,17).

Mas também existem *paralelos* com *tradições cristãs extracanônicas* sobre os quais a pesquisa religiosa comparada já alertara há muitas décadas. Do retorno de

Maria a um “lugar distante” (Sura 19,22) existe certo paralelo no pré-corânico e apócrifo *Evangelho de Jacó*. Para o milagre “da fonte e da tamareira” (Sura 19,25s.): ser dessedentada e alimentada pela fonte e pela árvore e o discurso do recém-nascido, há paralelos no *Evangelho do Pseudo-Mateus* que descrevem esta ocorrência em conexão com a fuga ao Egito, mas que teve origem numa época pós-canônica (!). Tais paralelos mostram, ao mesmo tempo, quão independentemente o Alcorão coloca seus acentos. Aqui também expomos o texto segundo critérios que lhe são imanentes: segundo opções literárias de forma, meios estilísticos retóricos, uso situacional e programática teológica.

Consideremos inicialmente a *primeira metade do texto*: Sura 19,16-21.

1) A partir da *forma literária*, a cena do anúncio se assemelha mais (como já ocorre no caso de João) a um *fino esboço* do que a uma cena acabada. Abreviaturas, alusões, brevíssimas informações parecem bastar. Maria é incluída repentinamente, sem ulterior transição nem preparação ou circunstâncias – com o endereço para o leitor ou ouvinte característico do Alcorão: “E considera”. O texto quer, portanto, – com o procedimento geralmente usado pelo Alcorão – citar não só algo passado, porém atualizar. Ele quer recordar,

conscientizar e, desta forma, chamar atenção para certas consequências. Por isso, o Alcorão se limita nesta cena a informes muito restritos. Não se trata de detalhes, porém do que é essencial no objeto em questão.

2) Maria retirou-se a um “*lugar no Oriente*”. Não é dada sua localização mais específica, mas ela também não precisa ser dada. Porque aqui não se trata da fixação do lugar, porém do movimento de “*retirada*”, o movimento do autorrecolhimento, poder-se-ia dizer. Este é, em primeiro lugar, socialmente motivado como a retirada de Maria de seu “povo”, cuja reação negativa (“prostituta”) já é com isto indicada na terceira parte deste texto (Sura 19,17). Mas, em segundo lugar, ele também é motivado de maneira teológico-simbólica, reforçada, no versículo seguinte, pelo detalhe espacial: “véu” (ou “cortina”) (Sura 19,17). A menção deste detalhe assume, uma vez mais, o movimento de retirada. Porque o véu significa um ocultar-se, um fechar-se ante o ambiente costumeiro. A autorretirada no espaço corresponde assim a autorretirada do corpo. Narrativamente, corresponde a ambas essas retiradas a consciente desconcretização do mundo aqui descrito que, pela redução dos detalhes da realidade, aparece como que transparente.

3) De maneira cênico-gestual, é preparado o encontro com Deus, que aqui ocorre na forma do Espírito divino. Depois que o próprio mundo se tornou transparente como uma delgada cortina ou fino véu, ele pode agora ser permeável para Deus, estando preparado para o encontro com Deus. “A menção repetida da retirada acentua a pura e simples predisposição de Maria. Somente assim, longe de todos os seres humanos e, com isto, de todas as possibilidades humanas – como de uma cooperação geradora –, pode ela encontrar-se com o anjo, escutar o anúncio, receber virginalmente Jesus e depois trazê-lo ao mundo”.

4) Também o diálogo Anjo – Maria é reduzido ao essencial: é estilisticamente chamativa a mescla de detalhes da realidade humana com uma linguagem elevada: temor do lado de Maria – tranquilização do temor pelo mensageiro divino – anúncio do nascimento – dúvidas de Maria, onde o aceno para “sempre fui casta” aponta muito realisticamente para a situação que Maria deve então enfrentar com o ambiente social. A primeira metade deste texto vive, portanto, inteiramente de dois movimentos de retorno de Maria, duas retomadas pessoais pelas quais a que concebe pode assim tornar-se apta para o Espírito de Deus. É o espaço

retomado, bem como o corpo reassumido como correlatos objetivos da abertura do mundo e do ser humano para o encontro com o divino.

Para a *segunda metade* do texto (Sura 19,22-26) vale algo semelhante. Também aqui consideramos apenas o essencial:

- 1) Após a concepção pelo Espírito, Maria, grávida, novamente se retira, e desta vez a um “*lugar distante*”. É o caso de se pensar no cenário de um deserto, que se torna mais plausível pelo segundo detalhe espacial concreto: “*Tronco de uma tamareira*”. A estrutura narrativa da primeira parte: “lugar no Oriente” – “véu” se repete aqui com a polaridade “lugar distante” – “tronco da tamareira”.
- 2) Na esfera teológica, o cenário “deserto” tem profundo significado, já que o deserto é o espaço nu como tal, é um lugar vazio, um lugar sem potencialidade própria, que precisamente assim pode tornar-se correlato objetivo para a plenitude de Deus, a presença de Deus, a divina vinda-ao-mundo. Aqui o Alcorão está tão pouco interessado nos acontecimentos e circunstâncias do nascimento como o evangelista Mateus. Ele conduz o olhar imediatamente para a criança recém-nascida e sua milagrosa capacidade de falar, de consolar sua

mãe e ajudá-la em seu temor mortal (“Tivesse eu morrido antes para ser totalmente esquecida”).

- 3) É nítido quão esteticamente, também neste texto, o Alcorão trabalha com *contrastes*. De um lado, a retirada do mundo e, de outro lado, o realismo do mundo: o espanto do ambiente social de Maria, relatado de modo totalmente realista, de uma mulher não casada com um filho e a suspeita de prostituição. Ao desejo de Maria de ser totalmente esquecida corresponde o milagre providencial de Deus. Ao desejo de morte de Maria se contrapõe a água viva da fonte. A amargura de suas dores no nascimento contrasta com a milagrosa alimentação com doces tâmaras. Ao voto de silêncio de uma jovem adulta corresponde a dupla fala do neonato. O texto trabalha, portanto, ainda mais fortemente do que na primeira parte, com um contraste literariamente proposto de modo consciente, entre realismo e estilização, entre o cotidiano corriqueiro e a grandiosidade profética, entre detalhes concretos da história humana e seu desenvolvimento visando a transparência para o divino. Disso resulta:

Já na Sura 19 e, desta forma, desde o início, Maria desempenha no Alcorão uma importante função como mulher que de maneira especial é destacada por Deus. “Recorda-te, na Escritura, de Maria!” (19,16) – e isto

não é pensado como simples fórmula, mas é uma qualificação teológica. Maria é literalmente digna de ser pensada e necessariamente pensada. Ela, a única mulher nominalmente mencionada em todo o Alcorão, pertence à categoria das pessoas que, como sinais específicos de Deus na história da humanidade, são recordadas aos destinatários do Alcorão. Não é por nada que a Sura 19 já traz, em seu próprio título, o nome “Maryam”.

Correspondentemente, é para ser levada a sério a afirmação que, na Sura 19, já é colocada na boca de Jesus criança: “respeitoso” para com sua mãe. Como mãe, Maria goza não só de respeito, mas de veneração. Por isso, nas Suras subsequentes, da *era média de Meca*, já pode ser expresso de maneira formal:

50 “E fizemos do filho de Maria e de sua mãe um sinal e lhes demos refúgio numa colina tranqüila, provida de mananciais.” (Sura 23,50).

Ou:

91 E aquela que protegeu sua virgindade (Maria). “E soprámos sobre ela o Nosso espírito e fizemos dela e de seu filho Jesus um sinal para todo o mundo” (Sura 21,91).

4) A recordação da história do nascimento de João e de Jesus situa-se no contexto da controvérsia de Maomé com a “descrença” em Meca. A recordação não é um

fim autônomo, porém um recurso de combate: “E recorda-te na Escritura de Maria!” – assim iniciara o texto sobre Jesus. A Sura também conclui com uma menção que espelha o atual combate fé – descrença. Sua continuação reza:

34 Este é Jesus, o filho de Maria. A palavra da verdade, da qual duvidam!

35 Por que Deus teria assumido um filho? Exaltado seja! Quando ele decide algo, basta-lhe dizer: “Sê!” para que seja.

36 Deus é meu Senhor e vosso Senhor. Adorai-o! Este é o caminho da retidão.

37 Então as seitas disputaram entre si a seu respeito. Ai dos que descrerem quando chegar o dia temível!

38 Como eles terão a vista e o ouvido apurados no dia em que comparecerem diante de nós! Mas hoje, os prevaricadores estão num erro evidente. (Sura 19,34-38).

5) As destacadas autodeterminações de Jesus, teologicamente relevantes, são, na Sura 19, primeiro confrontadas paralelamente com as de João. Como João, Jesus é criatura de Deus (sem participação de um pai terrestre). Como João, Jesus se destaca pela integridade, piedade, não-violência. Como João, ele recebeu res-

ponsavelmente de Deus “a Escritura”. Mas, diversamente do relato de João, Jesus pode dizer diretamente que ele é um “servo de Deus”, que é um “profeta” de Deus, que lhe foi dado o “dom da bênção” e que ele é um “sinal de Deus” para os seres humanos, um sinal da “misericórdia de Deus”! Recordamo-nos nesta passagem daquilo que constatamos no evangelho de Lucas em títulos que judeus como Zacarias e Simeão utilizaram: “profeta do Altíssimo” e desta forma representante do “amor misericordioso de nosso Deus, ou “sinal” de Deus, que sofrerá contradição.

2.2. O perfil narrativo e teológico da Sura 3

O que se acrescenta na Sura 3, revelada em Medina, na qual o Alcorão retorna uma vez mais às histórias em torno de Zacarias, de João, de Maria e Jesus? A Sura é intitulada “A linhagem Imran”, um nome que aponta para Amram, que é descrito em Números 26,59, como pai de Moisés, Aarão e Miriam. Ele surge como predecessor e ancestral de Jesus. A Sura 3 aponta, além disso, para o que aconteceu na chacina de Badr (março de 624), no segundo ano após a Hidschra, a transferência de Maomé e de seus adeptos de Meca a Medina, quando os muçulmanos surpreendentemente bateram uma armada bem

superior dos habitantes de Meca – um acontecimento da maior relevância política e religiosa – importante também para as relações com judeus e cristãos da região. O renovado retorno à história de Jesus (não só do nascimento, mas também da mensagem, da práxis e do destino) deve, por isso, ser *também* entendido no contexto político. Em Medina, surgiu, nessa época, um grupo de cristãos de Nadiran (Iêmen do Norte). Sob a impressão da expansão do Islã, os mesmos se veem ameaçados em sua liberdade e enviam uma delegação a Maomé. É verdade que eles não aceitam sua exigência de submeter-se ao Islã, mas, após longas negociações e controvérsias cristológicas, é encontrado um compromisso: Maomé lhes concede garantias de proteção (cf. SCHMUCKER, Die christliche Minderheit von Nagrah und die Problematik ihrer Beziehung zum frühen Islam, in: Studien zum Minderheitenproblem im Islam 1 (Bonn 1973), S. 183-281. A. Th. Khoury, Toleranz im Islam, Altenberge 1986, p. 64ss.). A Sura 3 também retrata, então, com insistência, a controvérsia do Alcorão com as “pessoas da Escritura”.

Ficamos aqui concentrados na explanação da história do nascimento e temos de constatar: no que se refere à Maria, na Sura 3, sua história obteve um visível acréscimo. Ouvimos agora mais sobre a infância de Maria (3,35-37). Em imediato acréscimo, é novamente rela-

tada a cena de João (3,38-41), que bem pouco se afasta da Sura 19. Segue depois uma impressionante exaltação de Maria (3,42-44). Depois se chega a declarações sobre o nascimento de Jesus, que não têm *tal* paralelo na Sura 19:

- 45 E quando os anjos disseram: “Ó Maria, Deus te anuncia a chegada de seu Verbo, chamado o Messias, Jesus, filho de Maria. Será ilustre neste mundo e no outro, e será um dos favoritos de Deus.
- 46 Ainda no berço falará aos seres humanos; e falar-lhes-á quando adulto. E será um dos justos”.
- 47 E ela perguntou: “Senhor meu, como poderei ter um filho quando nenhum mortal me tocou?” Respondeu ele: “Deus cria o que lhe apraz. Quando determina algo, basta-lhe dizer: ‘Sê!’ para que seja.
- 48 E Deus ensinar-lhe-á as Escrituras e a sabedoria, a Tora e também o Evangelho.
- 49 E ele será um Mensageiro aos filhos de Israel! “Trago-vos um sinal da parte de vosso Senhor. Com barro formarei uma figura de pássaro e nela soprarei e, pela graça de Deus, ela será um pássaro. E curarei o cego e o leproso, e ressuscitarei os mortos, com a graça de Deus. E dir-vos-ei o que estiverdes comendo e o que

estiverdes amontoando em vossas casas. Haverá nisso um sinal para vós, se fordes crentes. E confirmarei o que foi revelado antes de mim na Tora e tornarei lícitas coisas que vos eram proibidas. Venho a vós com um sinal de vosso Senhor. Temei-O e obededei-me.

Deus é meu Senhor e vosso Senhor. Adorai-O. Essa é a senda da retidão”. (Sura 3, 45-49).

De maneira diversa do que na redação de Meca, neste relato, Maria não tem nenhuma visão, mas uma audição. Não lhe aparece o Espírito de Deus, porém lhe foram diversos anjos que permanecem invisíveis. Contudo, objetivamente, as coincidências entre ambas as versões do Alcorão são múltiplas e inegáveis: Jesus foi criado por força da palavra criadora de Deus e através do Espírito divino. No entanto, dois acentos teologicamente relevantes são estabelecidos mais nitidamente na Sura 3:

- 1) O poder criador de Deus é realçado mais nitidamente. O que na Sura 19 só é expresso de modo relativamente fraco, com: “Isso me é fácil”, é fortemente realçado na Sura 3: “Este é o modo de Deus (de agir). Ele cria o que Ele quer. Quando Ele conclui uma coisa, Ele só lhe diz: ‘seja’, e ela é”.
- 2) Jesus é designado como “palavra” (*kalimah*) Divina, respectivamente “palavra de Deus”. Na exegese mu-

gulmana, entende-se com isso que em Jesus se manifestou a poderosíssima vontade de Deus. Somente pela palavra e a ordem de Deus ele ingressa na existência (e não por intermédio da potência masculina). Outros entendem o ser-palavra de Jesus como seu ser-espírito também no sentido de que ele, como pessoa, incorpora a feliz mensagem da misericórdia de Deus. O Alcorão ilustra esta vontade divina criadora que se manifesta em Jesus através do fato de ele introduzir o milagre das aves. Para este fato, há paralelos no evangelho extracanônico da infância, de Tomé. Porém, abstraindo da quantidade de aves, subsiste aí a diferença com a explanação corânica do milagre, quando Jesus, num sábado, batendo palmas e exclamando, realiza pessoalmente o milagre, enquanto, no Alcorão, Jesus – seja como garoto ou adulto, seja num sábado ou não – por seu hálito e com base na permissão divina realiza o milagre. Aqui o teocentrismo corânico também se concretiza conseqüentemente.

2.3. Os relatos do nascimento em confronto

Num confronto das tradições neotestamentárias com as corânicas resultam notáveis confluências, mas

também decisivas diferenças. Primeiramente, as confluências:

- 1) Como o Novo Testamento, assim também o Alcorão conecta, com o nascimento de Jesus, uma milagrosa ação *de Deus* em favor dos seres humanos. Mas é de se destacar: se, no Novo Testamento, a elaboração do aspecto milagroso se restringe, sobretudo, às aparições do anjo diante de Zacarias, de Maria e dos pastores, bem como à condução dos Magos por uma aparição cósmica, o Alcorão conhece, além de tudo isso, milagrosas falas do neonato. O Alcorão evidentemente não tem a menor dificuldade em colocar, na boca do recém-nascido Jesus, palavras de consolo à sua mãe e revelações proféticas pessoais. Por que não? Porque ele [o Alcorão], como no caso de João, também utiliza a história do nascimento de Jesus para ilustrar fortemente o pensamento teológico básico, para ele importantíssimo: Deus tem poder sobre o que parece impossível; Deus é livre em seu agir e rompe todas as limitações terrenas e plausibilidades humanas. Velhas e estereis senhoras se tornam novamente férteis; jovens mulheres engravidam sem a cooperação de um homem: num espaço estéril e vazio de um deserto; Deus cria nova vida; um bebê recém-nascido fala energicamente e com autoconsciência como um

homem adulto. O destaque é, em toda parte, o mesmo: ceticismos, dúvidas, descrenças de indivíduos humanos são rompidos por Deus. Precisamente o nascimento de Jesus sublinha novamente que Deus tem o poder de criar do infrutífero algo frutífero, do extinto algo vivo, do nada um novo ser. O teocentrismo interliga, portanto, ambos os relatos do nascimento. No Novo Testamento, ele é circunscrito com a sentença: “Porque para Deus nada é impossível” (Lc 1,37), e no Alcorão com a sentença: “Quando Ele decide alguma coisa, Ele só diz: Seja! e ela é” (Sura 3,47).

2) Nas tradições neotestamentárias e corânicas, o nascimento de Jesus não é produto da história terrestre, não é criatura humana, ele é criatura do Espírito, criatura de Deus. “Espírito de Deus”, como também é mencionado na Sura 4,171. É o próprio Deus que o chama do nada para o ser. Que Jesus ingressa na vida, ele o agradece exclusivamente à decisão de Deus, à ação de Deus. Nesta linha, também se explicam outras “titulações” para Jesus no Alcorão: “Sinal” de Deus para os seres humanos, sinal da “misericórdia divina”, “Servo de Deus”, “Profeta de Deus”, “Palavra de Deus”. Todos estes “títulos” expressam o mesmo pensamento básico: Jesus, desde sua concepção, é alguém agraciado por Deus. Perante outros servos e

profetas de Deus, distingue-o até uma especificidade: ele é criado pelo Espírito de Deus, para então atuar durante toda a vida a partir da força deste Espírito, como enviado de Deus. De todas as pessoas mencionadas no Alcorão, isto é específico de Jesus. Somente Adão ainda o ultrapassa em função da origem, já que ele, para o Alcorão, até começou a viver sem a cooperação de uma mãe terrestre (Sura 2,30). Porém, *ser criação de Deus e nascido de uma virgem* distingue Jesus no Alcorão de todos os outros profetas, incluindo o profeta Maomé, cuja paternidade terrestre o Alcorão não questiona em nenhuma passagem.

3) Os textos neotestamentários e corânicos do nascimento são concordes na convicção básica: Jesus é o bendito [ou abençoado] de Deus e a figura contrastante com todos os “infelizes ditadores”, já que ele é um *homem de paz*, e, isso, através de toda a sua existência: do nascimento até a morte e até a nova vida junto a Deus. As formulações da Sura 19,32-33 (“E ele não me fez violento e infeliz. Haja salvação sobre mim no dia em que fui gerado, no dia em que eu morrer, e no dia em que eu (novamente) serei despertado para a vida”) despertam, para cristãos, reminiscências do canto de louvor de Maria (“Magnificat”) e do hino de louvor dos pastores (Lc 1,46055; 2,14). Então Jesus já era a ima-

gem contrastante com os “poderosos” e “ricos”. Então ele já incorporava a “paz” de Deus que, também segundo expressões do Alcorão, repousa sobre Jesus.

Um confronto dos textos mostra, portanto, quão autonomamente Maomé sabe interpretar precisamente certas tradições bíblicas a partir de sua axiomática teológica. Ele as assume, as interpreta rigorosamente e as insere sob sua grande palavra programática e teológica: teocentrismo. Deus no centro do mundo e da história; a partir de sua vontade tudo é perpassado, a partir dele toda a realidade deve ser novamente interpretada.

2.4. A diferença decisiva na fé de cristãos e muçulmanos

Este aspecto específico da mensagem profética pode ser enrijecido precisamente pela decisiva diferença entre o relato neotestamentário e o corânico do nascimento. Também ele precisa agora ser explicitado com toda a clareza:

1) Nas tradições neotestamentárias, o nascimento de Jesus é inserido na história de Deus com seu povo escolhido. A chegada de Jesus é um reinício efetuado pelo Espírito, uma irrupção messiânica para Israel e um sinal para a conversão dos povos pagãos. Os textos neotestamentários historicizam, portanto, o recomeço de

Deus em Jesus. Por isso, é importante o nascimento em Belém, são mencionados os governantes políticos da época, são ilustrados detalhes concretos da história do nascimento (homenagem dos Magos e dos Pastores). O Alcorão, por sua vez, “des-historiciza”. Ele não está interessado no lugar concreto do nascimento e de moradia de Jesus (nenhuma menção de Belém ou Nazaré), nem menciona José, o pai bíblico terrestre de Jesus. Tudo se concentra em indivíduos específicos como Zacarias, Maria e Jesus. Onde é mencionado o “povo”, como na Sura 19, isso não ocorre no sentido de uma inserção “histórico-salvífica”, porém, sob o ponto de vista de uma reação psicológica à conduta aparentemente “inaudita” de uma jovem mulher. Ou, como na Sura 3, como “lugar” da controvérsia entre fé e descrença.

2) Para as fontes neotestamentárias, o nascimento de Jesus é o cumprimento *definitivo* de uma antiquíssima história de expectativa de um povo, o definitivo ponto culminante de uma auto-orientação de Deus ao seu povo de Israel. No Alcorão, a ação de Deus em Jesus é uma entre muitas ações de Deus na história. No entanto, também no Alcorão, Deus agiu em Jesus de maneira totalmente especial e destacada. Mas, o filho de Maria é, apesar de tudo, *um* sinal de Deus, destacado,

sim, mas um entre muitos. Sua gestação pelo Espírito precisamente não o torna um ser divino ou semidivino. Por isso, o Alcorão reage aqui e em outras passagens, em questões da fé em Cristo de determinados cristãos, rejeitando-as polemicamente: “Não é adequado a Deus tomar para si um filho”. Isto é dito contra representações cristãs vulgares mais tardias de uma filiação divina sobrenatural, que podem ter sido difundidas na cristandade contemporânea do Profeta. A gestação pelo Espírito e o nascimento virginal de Jesus não sublinham, por conseguinte, a especificidade de Jesus, porém unicamente a *de Deus*.

- 3) Como criatura de Deus, Jesus também continua sendo apenas um homem, como Adão, Noé, Abraão e Moisés foram homens. Como criatura de Deus, Jesus permanece como um “sinal”, *um* da grande série de “sinais” da misericórdia divina, numa série que, segundo a autocompreensão muçulmana, só se encerra pelo último profeta, que o Alcorão então também nomeia como o “sigilo do profeta”. Para o registro básico cristão, Jesus de Nazaré é perante Israel e o mundo pagão a derradeira e definitiva revelação de Deus, para a qual um profeta como João Batista somente é anúncio. Para os muçulmanos, a revelação definitiva de Deus é dada no Alcorão, para o qual apontam todos

os profetas, inclusive João e Jesus. Mas a cristologia e a coranologia não deixam de corresponder entre si. A diferença fundamental entre o cristianismo e o Islã é e continua sendo a seguinte: para os cristãos, o Verbo de Deus se tornou ser humano em Jesus. No Islã, a Palavra de Deus se tornou livro no Alcorão.

- 4) Quanto mais acuradamente se trabalha em e com as fontes, tanto mais se veem profundas convergências entre a fé cristã e a islâmica, mas também permanentes diferenças separadoras, pretensões de verdade que, em sua última consequência, apelam para uma decisão de fé. Ambos os aspectos devem vir à tona num diálogo que seja merecedor de seu nome. O “relato de Natal” no Alcorão deveria ser lido como modelo originário de tal diálogo entre cristãos e muçulmanos. Ele desafia ambos, cristãos e muçulmanos, a refletirem profundamente sobre o mistério do agir divino na história de Jesus, tornando comunicável o que é comum e o que separa. Este relato não seria o fim, porém a base do diálogo. Ele pode ensinar a ler o que é comum à luz do que separa e o que separa à luz do que é comum. E ele poderia fundar uma comunicação dialógica – que pode ser tanto mais profunda, quanto mais judeus, cristãos e muçulmanos se conscientizarem que ainda não “têm” nem “administram”

ou “possuem” o mistério de Deus, mas que, crendo e pensando, querem reconhecê-lo de maneira cada vez mais profunda. Ou seja: comunicação – no respeito mútuo perante decisões definitivas e convicções definitivas.

É hora de surgir uma nova cultura linguística entre cristãos e muçulmanos sobre questões fundamentais de sua fé. Então poderia suceder o que já disse o Papa João Paulo II, o primeiro Papa da história da cristandade a visitar uma mesquita, em sua alocução na mesquita de Omaiade, no dia 15 de maio de 2001: “É de suma importância que muçulmanos e cristãos continuem com a iniciativa de pesquisar conjuntamente questões filosóficas e teológicas, para chegarem a um conhecimento mais objetivo e abrangente da respectiva fé do outro. Melhor compreensão recíproca conduzirá, sem dúvida, na esfera

prática, a uma nova maneira de apresentar nossas duas religiões, não em oposição uma à outra, como tantas vezes ocorreu no passado, porém, numa parceria pelo bem da família humana”.

Referências Bibliográficas

K.-J. Kuschel. Juden – Christen – Muslime: Herkunft und Zukunft. Fünfter Teil: Maria und Jesus: Oder Zeichen Gottes für alle Welt (Judeus – cristãos – muçulmanos: origem e futuro, Düsseldorf 2007, Quinta parte: Maria e Jesus: Ou sinais de Deus para todo o mundo). (Düsseldorf: Patmos, 2007)

K.-J. Kuschel. Weihnachten und der Koran (Natal e o Alcorão). Düsseldorf. Patmos, 2008.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- Nº 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- Nº 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- Nº 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- Nº 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M.
- Nº 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- Nº 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- Nº 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- Nº 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- Nº 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- Nº 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- Nº 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- Nº 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- Nº 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- Nº 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- Nº 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- Nº 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- Nº 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- Nº 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- Nº 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- Nº 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- Nº 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- Nº 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels



Prof. Dr. **Karl-Josef Kuschel** é teólogo e vice-presidente da Fundação Ética Mundial, atividade integrada a de seu antigo mestre e atual interlocutor, Hans Küng, de quem havia sido assistente científico por duas décadas, até 1989. Titular da cátedra de Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-Religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen, Alemanha, Kuschel é internacionalmente reconhecido na área do diálogo inter-religioso entre judeus, cristãos e muçulmanos e na relação entre teologia e literatura. Doutor *honoris causa* pela Universidade de Lund, na Suécia, é autor de mais de 40 livros e muitos artigos.

Publicações mais recentes

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras* (São Paulo: Loyola, 1999).

_____. *Discordia en la casa de Abrahan. Lo que separa y lo que une a judíos, cristianos e musulmanes* (Navarra: Verbo Divino, 1996).

_____. *Juden, Christen, Muslime. Herkunft und Zukunft* (Düsseldorf: Patmos, 2007).

_____. *Jesus im Spiegel der Weltliteratur. Eine Jahrhundertbilanz in Texten und Einführungen* [Imagens de Jesus na literatura mundial. Textos e informações introdutórias para um século em perspectiva], Düsseldorf: Patmos, 1999.

_____. *Streit um Abraham. Was Juden, Christen und Muslime trennt . und was sie eint* [Conflito sobre Abraão. O que separa judeus, cristãos e muçulmanos - e o que os une], Düsseldorf: Patmos, 2001 .

_____. *Jud, Christ und Muselman vereinigt? Lessings Nathan der Weise*. [Judeu, cristão e muçulmano unidos? Natã, o sábio, de Lessing], Düsseldorf: Patmos, 2004